

---

## “THE SPECTATOR” COMO PROJETO DE MUDANÇA CONCEITUAL

---

*João Filocre*

Colégio Técnico e Centro de Ensino de Ciências  
e Matemática da UFMG  
Belo Horizonte – MG

### I. Introdução

É crescente o interesse de professores e educadores pelo o que pode ser designado, de forma genérica, como “mudança conceitual”. Essa expressão abrange um leque variado de pesquisas que têm em comum a investigação de mudanças no modo de explicação de fatos e fenômenos, essas mudanças podendo ocorrer tanto a nível do sistema explicativo de cada indivíduo, quanto no plano da história da ciência. As pesquisas em “Física Intuitiva” incluem-se, sem dúvida, entre elas. Isso se deve tanto à própria natureza do objeto de estudo deste campo, como em decorrência do vínculo, cada vez mais estreito, que se deseja estabelecer entre tais pesquisas e o ensino. A razão é que toda ação educativa é, essencialmente, uma ação voltada para uma “mudança conceitual”, isto é, ela sempre visa a abertura para novas possibilidades de interpretação e abordagem que, ao serem integradas aos modelos ou esquemas explicativos do sujeito, produzem um novo modo de “ver” as coisas.

Esta tentativa de tornar os resultados obtidos em instrumentos efetivamente úteis aos professores tem encontrado diversas dificuldades. Dessas pesquisas não tem sido possível extrair, até o momento, mais que algumas recomendações gerais, ainda insuficientes para sustentar uma concepção pedagógica realmente inovadora. Para se chegar a tal ponto, parece-nos útil desenvolver o trabalho alternativo de análise de experiências já realizadas, cujo intuito é o de promover “mudanças conceituais”, procurando extrair delas sugestões para superar dificuldades atuais.

Dentro deste espírito, adquire relevância o projeto educativo desenvolvido pelo jornal “The Spectator”, que tinha como objetivo primordial promover uma “mudança de mentalidade” na sua época. No presente trabalho, procuraremos explicitar os elementos básicos que compõem a nova “mentalidade” que este periódico queria ver implementada, abordar alguns aspectos da visão que pretendia

modificar, bem como os recursos pedagógicos de que o jornal se utilizou para executar a tarefa a que se propôs<sup>1</sup>.

A referência básica para a realização deste trabalho foi a tese de Schaeffer<sup>(1)</sup>. No que se refere às informações sobre o “Spectator”, utilizamos tão freqüentemente essa fonte que, por razões de economia, faremos apenas esta referência geral a ela.

## II. “The Spectator”: informações preliminares

De 01 de março de 1711 a 06 de dezembro de 1712, foi editado, na Inglaterra, o jornal diário “The Spectator”. O sucesso imediato que este periódico obteve parece ter superado até mesmo as ambiciosas expectativas de seus editores, Joseph Addison e Richard Steele: em menos de duas semanas, após seu lançamento, já se vendiam 3.000 exemplares, algo inédito na época, chegando, em algumas ocasiões especiais, à casa de mais de uma dezena de milhar. O sucesso inquestionável e sem precedentes, alcançado por este periódico, pode ser aquilatado pela publicação de 56 edições em inglês, 10 em francês, 2 em alemão e 1 em holandês, até o final do séc.XVIII.

Esse êxito não foi casual. Deveu-se às características inovadoras do “Spectator” em relação aos demais periódicos da sua época. Misto de crítica de costumes e de crítica e divulgação cultural, ele envolvia ativamente o público leitor no seu trabalho, contemplando em suas páginas, além de idéias filosóficas, científicas, literárias e morais de pensadores mais seletos, idéias de um grupo muito maior de pessoas comuns. Dentre as características inovadoras do “Spectator”, interessa-nos focalizar, em especial, a tarefa que Addison e Steele se propuseram: contribuir para uma “mudança de mentalidade” da sua época, apurando os conceitos usualmente utilizados e fazendo as pessoas verem os velhos problemas a partir de uma nova perspectiva.

## III. Elementos da nova “mentalidade”

A nova maneira de “ver”, que o “Spectator” desejava implementar, estava profundamente influenciada pelo otimismo, de matizes diversos, que dominava em certos círculos intelectuais da sua época. Uma de suas vertentes, de gran-

---

<sup>1</sup>Uma coleção completa deste jornal pode ser encontrada na biblioteca da Faculdade de Educação da USP.

de importância, era a doutrina leibniziana da harmonia pré-estabelecida, segundo a qual Deus, ao determinar-se a criar o universo, selecionou o melhor dos mundos possíveis: se a ciência divina oferecia ao Criador um imenso leque de possibilidades de escolha, a sua bondade infinita só poderia levá-lo a optar pelo melhor.

É este clima de otimismo que o “Spectator” procurava desenvolver entre seus leitores, clima esse decorrente do otimismo cósmico e social que o jornal professava. A alegria, o otimismo, o encarar a vida positivamente são as qualidades mais recomendadas para o homem, quer em tom solene ou jocoso, quer através de sérios ensaios morais, estórias leves ou das cartas publicadas.

Este otimismo se deve à crença na existência de um universo harmônico e organicamente estruturado, no qual todas as coisas estariam dispostas segundo os desígnios do seu Criador. Neste universo, cada ser teria o seu lugar na ordem natural das coisas e o seu papel a desempenhar: todos seriam igualmente necessários e importantes, pois constituiriam elos de uma grande cadeia perfeitamente ordenada.

Do ponto de vista social, esta visão tem implicações muito claras: da mesma forma que o resto da natureza, a sociedade também seria organizada numa cadeia onde a quebra de um só elo colocaria o todo em desordem. De tal sorte, as disposições da sociedade teriam tanto propósito, tanta razão de ser, quanto a existência do homem ou de qualquer criatura viva tem para a Plenitude.

Mas, se vivemos no melhor dos mundos possíveis, coloca-se a questão de como explicar a presença do mal. Do ponto de vista da teologia cristã, o problema se resolve com a doutrina do pecado original, para a qual, na origem dos desequilíbrios que afetam a criação, está o mau uso do arbítrio humano. Para Leibniz, no entanto, o mal representa algo de metafisicamente inevitável, na medida em que resulta da imperfeição própria de todo ser criado que, como tal, é necessariamente limitado. Mas, sendo apenas questão de pormenor na globalidade do universo, as imperfeições nele existentes realçariam a bondade, a beleza e a harmonia do todo.

No geral, o “Spectator” compartilhava esse segundo ponto de vista. Para ele, se o “melhor dos mundos possíveis” não nos parece ser assim, é em razão da nossa própria ignorância e dos nossos vícios. Trata-se, então, de atingir pela reforma os próprios homens e, não, as ordenações sócio-políticas. Isso significa que o “Spectator” não se propõe a mudar as coisas, mas apenas o modo de vê-las: é preciso vê-las com otimismo e alegria, mas cuidando para distinguir, dentre elas, as coisas que não deveriam ser como são por se contraporem ao curso da natureza.

Assim, é preciso fazer com que os homens passem a conhecer o seu ser mais íntimo, a fim de que, pautando-se por ele, possam corrigir as imperfeições indevidas do universo. “Conhece-te a ti mesmo” é o preceito básico do “Spec-

tator”. Para ele, a virtude, que praticamente se confunde com o autoconhecimento, é passível de ser ensinada para todos, na medida em que todos, sem exceção, possuem o mesmo atributo racional que jaz, no entanto, muitas vezes adormecido ou abafado pelas paixões humanas.

Para o “Spectator”, diferenças de nascimento, riqueza, beleza e outras nada mais são do que exterioridades que não devem encobrir interioridades, que são, de fato, o que deveria importar. São os bens interiores, e não os exteriores, os que mais nos pertencem e pelos quais devemos ser condenados ou louvados. Quanto ao posto que ocupamos na vida social, não compete a nós julgar da sua propriedade ou não, mas sim sermos excelentes no desempenho do papel que nos foi designado. É preciso, portanto, evitar a insatisfação e a desordem através do empenho dos homens em aceitar as diferenças de papéis, assumindo as responsabilidades e deveres aí envolvidos. “Nada exime ninguém do dever de aliviar os aflitos, consolar os sofredores, confortar os necessitados” (SPECTATOR, n. 219). Ao contrário, cabe aos homens aliviar a pena daqueles a quem coube uma maior porção de dor, sem que isso signifique “abolir a servidão, algo fora de cogitação num universo bem disposto, mas de proporcionar a maior felicidade possível para aqueles a quem coube este quinhão” (SPECTATOR, n. 219).

Os homens, segundo o “Spectator”, são fundamentalmente semelhantes, e ser um “fine gentleman” é muito mais “uma atitude, uma postura, do que um estado adquirido definitivamente pelo nascimento...” (SPECTATOR, n. 13). Se todos os homens são fundamentalmente semelhantes, todos podem, igualmente, se empenhar, atingir um grau maior de autonomia, em que o veredicto da natureza, da razão ou da consciência será sempre a principal determinante da ação humana. Na sua visão, o que caracteriza o homem, o grande homem, é ser capaz de negligenciar o aplauso da multidão e saber apreciar-se independente do favor dela, pautando sua conduta pelos ditames da razão, da verdade e da natureza.

É importante ressaltar que, nesse novo modo de “ver” a ordem e a disposição natural das coisas, o comerciante ocupa um lugar privilegiado: é o que melhor incorpora as qualidades que o “Spectator” procura enaltecer. “Um comerciante comum de bom senso é companhia mais agradável do que um letrado comum e tem muito a contribuir para o bem público” (SPECTATOR, n. 2). Tratando dessa questão, Schaeffer <sup>(1)</sup> afirma que “conforme o novo papel dos comerciantes e dos homens de negócio, o “Spectator” os vê envolvidos numa aura de benevolência, de tolerância e de amor à humanidade que, a nós, hoje soam absurdamente sentimentais e até ridículas”. Segundo C. Lewis <sup>(2)</sup>, “esta visão benemérita do comércio era importante; decisivo elemento da ideologia burguesa que o periódico de Addison e Steele elaborava, dando-lhe a sua mais perfeita expressão”.

Essa posição do “Spectator” parece ter influenciado pessoas ilustres, como Voltaire <sup>(3)</sup>. Em suas Cartas Inglesas, possivelmente inspirado no “Spectator” de 19 de maio de 1711, refere-se aos comerciantes nos seguintes termos:

*Entrai na Bolsa de Londres, praça mais respeitável do que muitas cortes. Aí vereis reunidos, para a utilidade dos homens, deputados de todas as nações. O judeu, o maometano e o cristão negociam reciprocamente como se pertencessem todos à mesma religião. Só é infiel quem vai à bancarrota. O presbiteriano confia no anabatista, e o anglicano na promessa do quacre. Ao sair dessas assembléias livres e pacíficas, uns vão à sinagoga, outros vão beber. Um vai ser batizado numa grande cuba de água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Outro leva o filho para que lhe cortem o prepúcio e despejem sobre sua cabeça resmungos hebraicos incompreensíveis. Outros vão à sua igreja e, enchapelados, esperam a inspiração de Deus. E todos estão contentes.*

Pelas suas qualidades e pelo que simbolizam, os comerciantes tornam-se, então, o tipo humano a ser imitado: “[...] não há membros mais úteis numa sociedade do que os comerciantes” (SPECTATOR, n. 69). Ele ocupa essa posição privilegiada, segundo o “Spectator”, porque o comércio é a atividade humana que mais reproduz, em nível social e econômico, a perfeita ordenação e interconexão de todas as coisas. Põe a nu a interdependência das várias nações e dos vários indivíduos, neutralizando as diferenças em favor dos interesses comuns e, contrapondo à errônea idéia de superioridade de uns sobre outros, a idéia de equivalência e mútua utilidade.

#### **IV. Alguns elementos da “mentalidade” dominante na Inglaterra do início do século XVIII**

Todos aqueles que se lançam à tarefa de promover “mudanças conceituais” não podem se eximir do trabalho de investigar, preliminarmente, os conceitos e crenças dominantes e que se deseja modificar. Esta investigação envolve inúmeras dificuldades, como podem atestar aqueles que se dedicam à pesquisa em “Física Intuitiva”.

Pelo pioneirismo do seu trabalho, mas também pela natureza e complexidade do “fenômeno” com que lidavam, é possível que Addison e Steele tenham se deparado com dificuldades ainda maiores. À semelhança dos professores, que através do mero exercício do magistério acabam aprendendo muitas coisas sobre as crenças e idéias dos seus alunos, é possível que ambos tenham recorrido

mais à sua experiência de vida, ao bom senso e perspicácia, que a métodos sistemáticos de investigação, para aprender a “mentalidade de sua época”.

Uma evidência do empenho dos editores do “Spectator” em conhecer o seu público foi a fórmula que encontraram e utilizaram para isso: a abertura das páginas do jornal para a publicação de cartas dos seus leitores. “Se o conhecimento das disposições do público é a forma mais apropriada para atuar sobre ele, nada melhor do que abrir claramente as portas às manifestações dos leitores” (SPECTATOR, n. 502). Por esse meio puderam ter acesso ao senso comum dos seus leitores em relação a inúmeros assuntos.

Restringindo-nos à visão comum que se tinha dos comerciantes, o empenho do “Spectator” em ressaltar as suas qualidades denunciava a existência de uma imagem não muito favorável que precisava ser modificada. Esse era um conceito que precisava se aperfeiçoar: o fato de não se adequar à realidade vivida pela Inglaterra, em plena era do mercantilismo, quando grandes fortunas estavam se formando e grandes negócios se realizavam. Mas, do mesmo modo que nos indagamos a respeito de como uma criança chega a elaborar determinadas noções e explicações, podemos nos interessar, também, em identificar as raízes históricas dos preconceitos que existiam em relação aos comerciantes. Nesse caso, seria indispensável considerar o processo histórico que conduziu do feudalismo aos estados nacionais, do pequeno comércio feudal ao mercantilismo dos séculos XVII e XVIII, bem como a influência exercida pela Igreja na vida das pessoas.

Atendo-nos a este último aspecto, era a Igreja que, na Idade Média, ensinava o que era o certo e o errado em todas as atividades do homem. Segundo Huberman<sup>(4)</sup>, o padrão do que era certo ou errado na atividade religiosa não diferia muito para todas as demais atividades sociais, especialmente as atividades econômicas. As regras da Igreja sobre o bem e o mal se aplicavam a todos os setores, igualmente.

Desse modo, não se pode desprezar a posição da Igreja sobre a usura. Nessa época, o empréstimo a juros era por ela proibido, e a sua palavra era lei para toda a cristandade. Quanto a isso, vários governos a apoiavam e baixaram leis contra a usura. Essas leis eram um reflexo do que a maioria das pessoas da Idade Média pensava sobre a usura. Concordavam que era um mal. Porque, para a Igreja, o justo era receber apenas o que se emprestara, nada mais nem menos. Se alguém obtivesse numa transação mais do que o devido, estaria prejudicando a outrem, e isso estava errado.

A situação do comerciante, portanto, era pouco confortável. Como intermediário que era numa transação comercial, corria sempre o risco de ser duplamente condenado: pela Igreja e pelas pessoas. Os comerciantes eram estigmatizados porque a Igreja não considerava ético acumular mais dinheiro do que o

necessário para manutenção própria, embora ela mesma possuísse uma riqueza imensa e não cumprisse os preceitos que preconizava, como lembra Huberman<sup>(4)</sup>.

É fácil ver que essa “doutrina do pecado da usura” iria se chocar contra os interesses do novo grupo de comerciantes que desejava negociar numa Europa comercialmente em expansão. Dadas as circunstâncias, esta “doutrina” da Igreja acabou sendo superada ao chocar-se com a força histórica representada pela classe dos comerciantes, sendo substituída pela chamada “prática comercial diária” defendida pelo advogado francês Charles Dumoulin, no século XVI. O que importa, no entanto, é que as idéias sobre a usura estavam firmemente arraigadas na mente dos homens simples e compunham a sua cosmovisão. Por isso mesmo, elas não podiam ser abandonadas sem esforço, num estalar de dedos. Acabaram não apenas atravessando todo o século XVIII, mas alcançaram os dias atuais.

A “doutrina da usura” é apenas um dos componentes formadores da imagem que se tinha dos comerciantes. Possivelmente, dois outros fatos tenham contribuído para isso. Primeiro, ao longo do processo histórico, que conduziu do pequeno comércio feudal ao mercantilismo, os comerciantes acabaram assumindo o monopólio do comércio em todas as suas fases. E isto incluía o poder de fixar os preços das mercadorias. O que acontece é que, durante o desenrolar desse processo, a noção de preço, como a de usura, passou por uma transformação radical: passou-se da idéia de “preço justo” para a de “preço de mercado”.

Para se compreender o que era chamado de “preço justo” de um artigo, é preciso ter em mente a “doutrina da usura” e o modo como as noções de bem e mal participavam do pensamento econômico da época medieval. No regime de troca da velha economia medieval, o comércio não tinha objetivos de lucro mas, sim, de beneficiar tanto o comprador como o vendedor. Segundo Huberman<sup>(4)</sup>, “um capote podia ser trocado por cinco galões de vinho sem prejuízo para ninguém, porque o custo da lã e os dias de trabalho necessários para fazer o capote eram iguais ao custo das vinhas e o tempo necessário para preparar o vinho”. Quando o dinheiro começou a ser utilizado de forma mais intensa nas transações comerciais, era ainda esse tipo de raciocínio que predominava na fixação dos preços. A noção de “preço justo” era simples, compreensível para as pessoas e se enquadrava na economia do mercado medieval: pequeno, local e estável.

No entanto, quando o mercado, com a expansão do comércio, passou a se constituir de algo mais do que compradores e vendedores de mercadorias feitas na cidade e dos produtos das vizinhanças, e quando compradores e vendedores de uma área maior trouxeram novas influências ao mercado, a estabilidade das condições locais ficou abalada. Com a ampliação do comércio, portanto, as condições relativas ao mercado passaram a ser muito variáveis, a noção de “preço justo” tornando-se impraticável. Cedeu lugar, então, a um conceito mais complexo e abstrato: o “preço de mercado”.

É exatamente por ser mais complexo e abstrato, por não ser tão “natural” quanto o “preço justo”, que ele não foi assimilado com facilidade pelas pessoas comuns. Mas, a esta dificuldade conceitual intrínseca, devem ser adicionadas duas outras razões que podem ter contribuído para predispor o homem simples contra ele: de um lado, idéias e hábitos costumam permanecer durante muito tempo, mesmo após o desaparecimento das condições que os originaram; de outro, os critérios para fixação do “preço de mercado” eram mais fluidos e sutis e não podiam ser controlados pelas pessoas simples, sendo muito grande, como o é até hoje, a margem de especulação. Em conseqüência, a desconfiança, que parece sempre ter estado colada à noção de “preço de mercado”, pode ter contribuído para a formação de uma imagem desfavorável do comerciante.

O segundo fato que pode ter repercussões negativas na imagem do comerciante refere-se à relação entre ricos e pobres, exploradores e explorados. Na luta pela libertação das cidades dos seus senhores feudais, todos os cidadãos, ricos e pobres, mercadores, mestres e trabalhadores haviam unido forças. Mas os frutos da vitória foram para as classes superiores. Segundo Hubermar<sup>(4)</sup>, “as classes inferiores verificaram que apenas haviam mudado de senhores - antes nas mãos do senhor feudal e, depois, nas mãos dos burgueses”. Em função disso, a relação entre essas duas classes é feita através de lutas e revoltas.

## **V. Características do método utilizado pelo “Spectator”**

Se tivéssemos que expressar, num único termo, a essência do método recomendado e utilizado pelo “Spectator” no seu propósito de promover uma mudança de “mentalidade”, sem dúvida teríamos que recorrer à palavra DIÁLOGO. Um diálogo para o qual todos estavam convidados, sem distinção de credo, profissão, sexo ou condição social. Um diálogo de cada um, consigo mesmo, com o seu outro eu, na busca do seu ser interior e das qualidades e virtudes que lhe são próprias; mas, também, um diálogo com todos os demais e com a própria natureza, na busca da perfeita ordenação das coisas e da harmonia universal.

Se forem os vícios e a ignorância dos homens, como crê o “Spectator”, que obscurecem e mascaram a perfeita ordenação das coisas, é preciso, para corrigi-los, agir sobre o próprio homem, visando transformá-lo e torná-lo consciente das suas virtudes e das suas fraquezas. No entanto, essa ação educativa não pode se reduzir a conselhos e preceitos impostos de fora pela força ou constrangimento: “não há nada que recebamos com maior relutância do que conselho” (SPECTATOR, n. 512). É preciso agir dentro do espírito socrático, através da conversação e do diálogo.

É por essa razão que o “Spectator” conclamou a todos para que, num esforço, mais ou menos sistemático, de introspecção, buscassem o seu ser mais íntimo e, a partir dele, pautassem a sua conduta. Essa exortação à interioridade, ao autoconhecimento, é uma constante no “Spectator”, porque “a reflexão do homem sobre si mesmo e sobre sua própria vida é, sem dúvida, o melhor meio para ganharmos um verdadeiro conhecimento de nós mesmos e, conseqüentemente, de recuperar nossas mentes do vício, ignorância e preconceito que naturalmente a ela aderem” (SPECTATOR, n. 215).

No entanto, ao mesmo tempo em que faz um apelo à introspecção, o “Spectator” afirma que a reflexão sobre a natureza humana, sobre a vida humana, condição de autoconhecimento, exige a mútua cooperação dos indivíduos. Todos são fundamentalmente necessários uns aos outros nesta tarefa de aprimoramento, porque todos são parte de uma grande cadeia, na qual cada um tem um lugar a ocupar e um papel a desempenhar. “O que os outros pensam, fazem, sofrem, vivem, desperta nossa reflexão e pode aprimorar a todos” (SPECTATOR, n. 271).

Portanto, ao fazer um apelo à introspecção, o “Spectator” não pretende fazer a apologia do isolacionismo, mas deixa transparecer, claramente, uma visão de educação que exige uma participação ativa do educando, cabendo ao mestre o papel de estimular a auto-educação, despertando os espíritos. É esta função de mestre que ele se propõe a assumir. No desempenho desse papel, recorre a dois meios principais: o “Clube do Spectator” e as cartas dos seus leitores.

O exame do “Clube do Spectator”, na sua composição e funcionamento, indica que, ao adotar tal estratégia literária, o “Spectator” pretendia tornar visível um modelo ideal de sociedade e de conduta passíveis de realização. Apresentado logo nos dois números iniciais do jornal como responsável pela sua organização e planejamento, o “clube” era composto de seis membros, cada um deles representando um segmento da sociedade e liderado por Mr. Spectator. Apesar da heterogeneidade, a diversidade de opiniões e de interesses entre os seus membros não implicava um antagonismo intransponível ou uma convivência difícil, muito menos impraticável. Na verdade, eram diferentes, mas também grandes amigos. As diferenças não anulavam a amizade, e nem a amizade implicava a anulação das diferenças. Conviviam bem no meio da diversidade, e isso porque o debate, o diálogo gerava acordo. Não se tratava de se anular as identidades em prol de um padrão de comportamento e de visão comuns, mas de neutralizar as paixões e os ódios que põem em risco a ordem civil. Essa é uma das lições que o “Spectator” parecia querer ensinar ao seu público.

No entanto, é interessante ressaltar que a neutralidade que o nome do líder do “clube” sugere é apenas aparente. A sua “imparcialidade” não deixa de abrigar uma certa preferência no que diz respeito aos membros do “clube”, notadamente em relação a Andrew Freeport, representante dos comerciantes e dos

homens de negócios que, como vimos, incorporava as qualidades que Mr. Spectator procurava enaltecer.

No “clube” estava representada, sem dúvida, uma grande parcela da sociedade: o exército, a Igreja, o comércio, a grande propriedade, as leis e até o mundo elegante e frívolo tinham seus representantes. Mas os pobres, os desvalidos e os marginalizados, os homens e mulheres comuns que trabalhavam no clube atrás dos balcões ou nas casas dos grandes senhores, as donas de casa, etc. não tinham um porta-voz dos seus interesses, e este vazio precisava ser preenchido. As páginas do jornal, por essa razão, se abrem à participação dos leitores através da publicação de suas cartas.

Com essa iniciativa, ampliou-se o pequeno círculo do “clube”. Assim, pedia-se a participação dos leitores, publicava-se suas cartas, confessava-se que elas lhe forneciam inestimáveis matérias para reflexão, estabelecendo, enfim, uma empatia com eles, Mr. Spectator erigia seu público em amigo íntimo e membro ativo do seu clube agora ampliado. As mais de 500 cartas publicadas nos 555 números do “Spectator” atestam que os leitores, sentindo-se respeitados e elevados em importância, compactuavam ativamente com os editores.

As cartas atendiam, ainda, a um outro propósito, o de conhecer o seu público. As cartas acreditavam os editores do jornal, eram muito mais reveladoras da verdadeira índole das pessoas do que sua fala ou mesmo do seu comportamento e atitudes, mais passíveis de dissimulação. E, a partir da manifestação das várias subjetividades, eles compunham uma espécie de senso comum que, de certo modo, neutralizava o subjetivo, o privado. Além disso, o incentivo à correspondência tinha também o sentido de um apelo à clarificação das idéias. “O empenho em expressar nossos pensamentos por palavras, torná-los públicos e divulgá-los é algo que não é só benéfico para o próximo, como para o indivíduo que se comunica” (SPECTATOR, n. 379).

Entende-se, assim, porque o diálogo é proposto como meio de aperfeiçoamento de todos, indistintamente. A consciência de que há um mestre e um discípulo em cada um parece ser o que o “Spectator” pretendia, habilmente, despertar no seu público. Um amplo diálogo era, nesse quadro, o método que se adequava aos princípios que norteavam a ação educativa empreendida pelo periódico de Addison e Steele.

## **VI. Referências Bibliográficas**

1. SCHAEFFER, M. L. G. P. **“The Spectator”, o teatro das luzes – diálogo e imprensa no século XVIII**. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1986.

2. LEWIS, C. S. **Eighteenth century english literature**. Oxford University Press, 1977.

3. VOLTAIRE, F. M. A. **Cartas inglesas ou cartas filosóficas**. Trad. por Marilena S. Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

4. HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. Trad. por W. Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

---

## JÁ LHE PERGUNTARAM...

---

...o que causa o fino nevoeiro que se forma na “boca” de uma garrafa de champagne gelada, logo que ela é aberta?

*O gás pressurizado na garrafa se expande rápida e adiabaticamente quando a garrafa é aberta, realizando trabalho na expansão contra o ar externo. A energia para este trabalho vem da energia interna do gás, conseqüentemente reduzindo sua temperatura e fazendo com que o vapor d'água, nele contido, se condense como um nevoeiro. (Traduzido e adaptado de – Walter, J. **The flying circus of physics**. New York, John Wiley & Sons, 1977. – por Bartira C. S. Grandi, Depto de Física, UFSC.)*